

04/12/2019

Grande Imprensa

CORREIO BRAZILIENSE - DF

[Combater a desigualdade regional para fortalecer a economia](#)

[Pisa expõe mazelas do ensino no Brasil](#)

[Ineficiência do MEC](#)

[Nota baixa no boletim](#)

FOLHA DE S. PAULO - SP

TIROTEIO

[Brasil é 57º do mundo em ranking de educação; veja evolução no Pisa desde 2000](#)

[Aluno no Brasil falta mais e perde mais tempo de aula com bagunça, mostra Pisa](#)

[Weintraub culpa integralmente o PT e chama resultado do Pisa de tragédia](#)

O ESTADO DE S. PAULO - SP

[Os números do Pisa](#)

[Exame expõe distância entre escola privada e pública](#)

TRÊS PERGUNTAS PARA...

[3 em cada 10 alunos dizem sofrer bullying no colégio](#)

[Para avançar, deve-se investir no professor](#)

O GLOBO - RJ

[Posição do Brasil no Pisa preocupa mais com um MEC sem rumo](#)

[PIB e Pisa dão avisos ao país](#)

[Pisa: Brasil repete mau desempenho](#)

[Não há fórmula mágica](#)

VALOR ECONÔMICO - SP

[País completa década perdida no Pisa, e paralisia no MEC eleva preocupação](#)

[Escolas privadas ajudam a segurar nota brasileira](#)

Imprensa Estadual

JORNAL DO COMÉRCIO - RS

[Avaliação revela quadro crítico do ensino brasileiro](#)

Agências de notícias e sites

AGÊNCIA BRASIL

[Lista de vencedores da Obmep está disponível no site da competição](#)

ÉPOCA - RJ

[Mercadante responde a Weintraub](#)

G1

[Ministro da Educação confirma as quatro escolas cívico-militares de SC](#)

[Brasil está estagnado entre os países com pior nível de aprendizado básico](#)

TERRA

[Escolas privadas de elite do Brasil superam Finlândia no Pisa; rede pública vai pior do](#)

[que Peru](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[O que fez países asiáticos, como a China, chegarem ao topo do Pisa](#)

[Lista de vencedores da Obmep está disponível no site da competição](#)

Agências de notícias e sites

AGÊNCIA SENADO

[Não houve cortes em bolsas de estudos, afirma presidente da Capes em audiência](#)

CORREIO 24 HORAS

[Candidatos do Prêmio Capes Talento Universitário podem consultar o local de prova](#)

DESTAK

[Candidatos do Prêmio Capes Talento Universitário podem consultar o local de prova](#)

DIÁRIO DO NORDESTE - CE

[Candidatos do Prêmio Capes Talento Universitário podem consultar o local de prova](#)

G1

[Capacitação para professores de matemática é realizada em Caruaru](#)

MIDIAMAX

[Locais de prova do Prêmio Capes Talento Universitário estão disponíveis para consulta](#)

O DOCUMENTO - MT

[Não houve cortes em bolsas de estudos, afirma presidente da Capes em audiência](#)

PRIMEIRA HORA

[Locais de prova do Prêmio Capes Talento Universitário estão disponíveis para consulta](#)

AGÊNCIA GLOBO

[CGU aponta irregularidades em licitação de R\\$ 3 bilhões do Ministério da Educação](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Weintraub diz que resultado ruim do Brasil no Pisa é "culpa do PT"](#)

Imprensa Estadual

DIÁRIO DA AMAZÔNIA - RO

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

FOLHA DE PERNAMBUCO - PE

[Câmara elege novo 1º vice-presidente](#)

ALÔ BRASÍLIA

[Termina prazo de matrícula e de adesão à lista de espera do Sisu](#)

JORNAL DE BRASÍLIA - DF

QUER FAZER MESTRADO?

Agências de notícias e sites

FOLHA - GO

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

HOJE EM DIA - MG

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

O DOCUMENTO - MT

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

O ESTADO - RJ

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

O SERRANO

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo.](#)

REVISTA GESTÃO UNIVERSITÁRIA

[Entidades da academia e CAPES debatem melhorias no SNPG](#)

[Ecologia do Inpa: maior nota do Estado na avaliação](#)

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

SURGIU

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

TUDO RONDÔNIA

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

AGÊNCIA VALOR

[Brasil mantém-se entre piores em avaliação internacional de educação](#)

CORREIO WEB

[Governo federal institui Programa Ciência na Escola](#)

G1

[70% dos alunos cearenses gostariam de ter orientação com psicólogos, aponta pesquisa](#)

[Deputados votam projeto para definir modelo de escola cívico-militar no RJ](#)

METRÓPOLES

[Weintraub : resultado do Pisa é culpa do PT, não de Temer](#)

PORTAL EXAME

[Prova mundial de educação revela que China é o país a ser copiado](#)

PORTAL ISTOÉ

[Decreto que institui Programa Ciência na Escola é publicado](#)

[Governo federal institui Programa Ciência na Escola](#)

TNONLINE

[Prova do Prêmio Capes Talento Universitário será no domingo](#)

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[China é destaque na avaliação Pisa; Brasil entre os piores na educação](#)

[Governo federal institui Programa Ciência na Escola](#)

CORREIO BRAZILIENSE - DF - OPINIÃO

Combater a desigualdade regional para fortalecer a economia

ROBSON BRAGA DE ANDRADE

Empresário e presidente da Confederação Nacional da Indústria (CNI)

Desde a posse do governo, em janeiro, e o início da atual legislatura do Congresso Nacional, o Brasil entrou em novo ciclo político e econômico, de renovadas expectativas na construção de um país melhor e mais justo. Na busca de prosperidade para os brasileiros, é imprescindível reduzir as desigualdades regionais, meta que está inscrita no artigo 3º da Constituição Federal de 1988 como um dos objetivos fundamentais da República.

Essa preocupação foi demonstrada logo nos primeiros meses do ano, com a formação do grupo interministerial de trabalho para a construção da Agenda para o Nordeste, coordenado pela Casa Civil, acompanhando a visão “mais Brasil, menos Brasília” defendida pelo governo federal.

Na mesma linha de atuação, foram elaborados e enviados, pela primeira vez desde a obrigação instituída no texto constitucional, os Planos Regionais de Desenvolvimento do Nordeste (PRDNE), da Amazônia (PRDA) e do Centro-Oeste (PRDCO). Essas iniciativas, apresentadas em eixos estratégicos com foco na integração competitiva entre a produção regional e as economias nacional e internacional, devem ser transformadas em lei após tramitar no Congresso Nacional, com o Plano Plurianual (PPA).

Outra medida de extrema relevância para as Regiões Norte e Nordeste foi a lei de renovação dos incentivos fiscais com o Imposto de Renda da Pessoa Jurídica (IRPJ), sancionada pelo governo em janeiro. Esse instrumento tem a finalidade de compensar os custos altos que o setor produtivo enfrenta, dada a precariedade da rede de infraestrutura e logística, de modo a viabilizar investimentos, criação de empregos e geração de renda nessas regiões.

Apesar do reconhecimento do governo sobre a necessidade da prorrogação, esse benefício se encontra inoperante em função de uma representação feita pelo Tribunal de Contas da União (TCU) logo após a sanção presidencial. Ainda em fevereiro, o Ministério da Economia e o Ministério do Desenvolvimento Regional responderam ao questionamento, mostrando a ausência de impacto fiscal com a renovação dos incentivos até 2023, mas o dispositivo segue travado.

Outro ponto sensível que precisa ser solucionado é a efetiva implementação da Política Nacional de Desenvolvimento Regional (PNDR). Seus dois pilares centrais – o Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional e a Câmara de Políticas de Integração Nacional e Desenvolvimento Regional – não entraram em pleno funcionamento. Com seu sistema de financiamento e governança comprometidos, a PNDR nunca avançou.

O principal mecanismo de combate aos desequilíbrios regionais do país são os Fundos Constitucionais de Financiamento do Norte (FNO), do Nordeste (FNE) e do Centro-Oeste (FCO). Instituídos pela Lei 7.827, de 1989, os Fundos têm a missão de promover o desenvolvimento das regiões menos dinâmicas por meio do incentivo ao investimento produtivo privado. Sozinhos, esses instrumentos não têm capacidade, em termos de volume de recursos, de garantir o crescimento significativo das regiões.

Os fundos, tanto por proibição legal como pela falta de fôlego financeiro, não devem ter os recursos deslocados para outras finalidades, afastando-se das definidas pela Constituição. Infelizmente, isso já ocorreu em favor do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies) e pode vir a acontecer, no que depender da vontade já expressa por parlamentares, para aumentar o fundo de valorização da educação, o Fundeb.

A ênfase na melhora do sistema educacional é sempre bem-vinda, mas deve vir de fontes orçamentárias com esse objetivo específico. Igualmente importante é a melhora da rede de infraestrutura, de logística, de transportes e de energia elétrica nessas regiões, financiada com recursos do Orçamento e de outros fundos. Uma eventual desidratação do FNO, do FNE e do FCO provocaria acentuado prejuízo ao financiamento de importantes projetos do setor produtivo, resultando em aumento do fosso que já separa Norte, Nordeste e partes do Centro-Oeste, de um lado, e o Sul-Sudeste, de outro, no que diz respeito a indicadores socioeconômicos.

Outras questões cruciais para o desenvolvimento regional ainda precisam de solução, como a instabilidade nas regras nos regimes de concessão de incentivos, o que gera insegurança jurídica. Mudanças ocorridas na cobrança de encargos financeiros criaram, por exemplo, um passivo bilionário nos Fundos Constitucionais regionais e nos Fundos de Investimentos do Nordeste (Finor) e da Amazônia (Finam). A repactuação dessas dívidas contribuiria com a saúde financeira das empresas e permitiria novos investimentos.

Adotar medidas para combater a desigualdade regional é indispensável para mudar o padrão de crescimento da economia, fazendo que a prosperidade beneficie o país por inteiro. Políticas firmes e consistentes para o aproveitamento do potencial produtivo em todo o território nacional vão certamente fortalecer a recuperação econômica, após a mais severa e duradoura recessão da nossa história, especialmente gerando emprego e renda em cada recanto do Brasil.

[topo](#)

CORREIO BRAZILIENSE - DF - OPINIÃO

Pisa expõe mazelas do ensino no Brasil

Exame internacional aplicado a estudantes do ensino fundamental deixa o país nas últimas colocações entre uma lista de 79 nações. Maioria dos jovens brasileiros tem dificuldade para interpretar textos e resolver problemas matemáticos. Ministro culpa o PT

"(O Pisa é) integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila sem compromisso com o ensino, que quer discutir sexualidade e não quer ensinar a ler e escrever"

Abraham Weintraub, ministro da Educação

Mais de 50% dos jovens brasileiros com 15 anos de idade têm dificuldades para ler e assimilar o conteúdo de um texto. Ao mesmo tempo, dois terços não sabem interpretar uma questão matemática e resolvê-la. Os números, que fazem parte do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), referência mundial, escancaram os problemas do sistema de educação básica do Brasil que, em 2018, foi um dos 25 piores dentre 79 nações avaliadas pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

A prova, aplicada a cada três anos a estudantes de todo o mundo matriculados a partir do 7º ano do ensino fundamental, mediu o desempenho de 10.691 alunos brasileiros em leitura, matemática e ciências. Segundo os resultados, 43,2% dos adolescentes de 15 anos no país sabem menos que o básico em todos os componentes. Em contrapartida, apenas 2,5% dos estudantes alcançaram níveis altos de proficiência em pelo menos uma disciplina.

Apesar de ter demonstrado uma pequena evolução em comparação ao exame de 2015, o Brasil acumulou resultados inferiores à média dos países da OCDE. No ano passado, o país registrou 413 pontos em leitura; 384, em matemática; e 404, em ciências. Enquanto isso, a média dos 37 países da OCDE foi de 487, 489 e 489 pontos, respectivamente. A distância do Brasil para a China, nação melhor avaliada no ranking, é gritante: no Pisa de 2018, os asiáticos alcançaram 555, 591 e 590 pontos, na sequência.

Dos países latino-americanos que aplicaram o teste, Chile, México, Uruguai e Costa Rica superaram o Brasil nos três quesitos. A Colômbia obteve resultados melhores em matemática e ciências, enquanto o Peru venceu o Brasil apenas em matemática. Os demais — Argentina, Panamá e República Dominicana — tiveram notas inferiores às dos estudantes brasileiros.

Doutrinação

Segundo o ministro da Educação, Abraham Weintraub, os resultados são “integralmente culpa do PT” e “na média” são “uma tragédia”. “(O Pisa é) integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila sem compromisso com o ensino, que quer discutir sexualidade e não quer ensinar a ler e escrever”, atacou. O ministro defendeu que o Brasil depende de um trabalho em conjunto com estados e municípios para sair da estagnação, e alertou que “estamos com o mesmo desempenho, estatisticamente, de 2009”.

Para Alexandre Lopes, presidente do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), as políticas adotadas nos últimos anos não surtiram efeitos suficientes para garantir resultados nas avaliações do Pisa. “A gente está andando de lado, não está evoluindo. É difícil piorar, porque a gente já está no final da tabela”, disse.

As estatísticas reveladas pelo sistema de avaliação demonstram falhas no processo de alfabetização dos brasileiros, criticou o presidente da Federação Nacional das Escolas Particulares (Fenep), Ademar Pereira. “De verdade, estamos ruins. Muitas escolas não ensinam os alunos a ler no 1º ano do ensino fundamental e os empurram para a série

seguinte, sem que eles saibam decodificar quase nada. Mais à frente, isso resulta nos casos de abandono escolar”, comentou. “Não temos uma perspectiva muito boa. É necessário modificar os métodos de ensino, sobretudo para leitura, essencial para qualquer disciplina”, acrescentou Pereira.

Prova disso é a professora de português Denise França, 30 anos. Há uma década na profissão, ela garante que a maior dificuldade de seus alunos está relacionada à interpretação de texto. “A cada dia temos alunos que sabem tudo sobre redes sociais, mas não entendem o que estão lendo”, diz.

*Estagiária sob a supervisão de Odail Figueiredo

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - EIXO CAPITAL

Ineficiência do MEC

A Comissão Externa de Acompanhamento do Ministério da Educação, da Câmara dos Deputados, apresenta hoje relatório sobre a atuação da pasta desde o início do governo. Um dos sub-relatores, o deputado Professor Israel Batista (PV-DF) afirma que a avaliação coincide com o desempenho ruim do Brasil no Pisa 2018. O relatório propõe medidas para melhorar a situação. “A qualidade do ensino está relacionada à qualidade do professor. Precisamos de faculdades que preparem para a realidade das escolas brasileiras, de uma avaliação nacional docente e da aplicação de uma segunda fase prática nos concursos públicos para professor”, diz Israel.

topo ↕

CORREIO BRAZILIENSE - DF - BRASÍLIA - DF

Nota baixa no boletim

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, responsabilizou as gestões petistas pelo resultado pífio do Brasil no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA). O estudo avaliou o desempenho dos jovens brasileiros em 2018, antes do início do governo de Jair Bolsonaro. Hoje, no entanto, quem passará por uma avaliação é o trabalho do atual ministro. E as notas no boletim não são animadoras. A Comissão Externa do MEC (Comex-MEC) da Câmara dos Deputados apresenta e vota hoje o relatório sobre as políticas públicas conduzidas pelo ministério em 2019.

Integrante da comissão, o deputado Professor Israel (PV-DF) chama a atenção para a “anencefalia nas políticas de educação”. Alta rotatividade em postos-chaves do ministério, queda na qualificação dos servidores, descoordenação entre as secretarias voltadas para a formação de professores são alguns dos problemas apontados no documento. Subrelator do capítulo referente à qualificação dos professores, Israel ressalta a necessidade de o MEC coordenar a política nacional de alfabetização junto com estados e municípios, bem como promover uma reforma nos cursos de licenciatura, com mais prática e menos teoria.

Professor Israel espera que o titular da pasta de educação evite reações “diversionistas” e que se mostre disposto a discutir os desafios educacionais, em vez de atacar o mensageiro.

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - PAINEL

TIROTEIO

O país tem boas iniciativas isoladas, mas infelizmente o MEC não assume o papel de indutor de políticas educacionais

Da deputada Luíza Canziani (PTB-PR), sobre a estagnação do Brasil na avaliação internacional da qualidade do ensino

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://painel.blogfolha.uol.com.br/2019/12/04/deputados-apresentam-emenda-a-projeto-sobre-maconha-medicinal-para-liberar-cultivo-da-erva/>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Brasil é 57º do mundo em ranking de educação; veja evolução no Pisa desde 2000
Infográfico mostra países que entram e saem do grupos de melhores e de piores no exame

São Paulo

Os resultados do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Aluno) foram divulgados nesta terça-feira e mostraram o Brasil na 57ª colocação em leitura.

Abaixo, veja a evolução do Brasil e dos outros países na avaliação, considerada a mais importante do mundo sobre aprendizagem.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/brasil-e-57o-do-mundo-em-ranking-de-educacao-veja-evolucao-no-pisa-desde-2000.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Aluno no Brasil falta mais e perde mais tempo de aula com bagunça, mostra Pisa
Fatia dos brasileiros que se sentem tristes é maior que a média; apesar de melhor nota, meninas se sentem menos confiantes

São Paulo

Alunos brasileiros faltam mais na escola e perdem mais tempo de aula por indisciplina do que a média dos países que participaram do Pisa, principal avaliação internacional da educação básica.

Além disso, demonstram ter menos confiança em sua capacidade, cooperam menos que os outros e têm visto aumentar casos de bullying, além de ter uma parcela maior de estudantes que se sentem “sempre tristes”.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/aluno-no-brasil-falta-mais-e-perde-mais-tempo-de-aula-com-bagunca.shtml>

topo ↕

FOLHA DE S. PAULO - SP - COTIDIANO

Weintraub culpa integralmente o PT e chama resultado do Pisa de tragédia
Ministro também criticou a cobertura da mídia sobre resultado e defendeu a política educacional do MEC

Brasília

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, classificou nesta terça-feira (3) o desempenho do Brasil no Pisa de “tragédia” e atribuiu a culpa pelos resultados

“integralmente ao PT”.

Divulgado nesta terça, o Pisa aplicado em 2018 mostrou uma estagnação do Brasil nos indicadores de educação por quase uma década.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/12/weintraub-culpa-integralmente-o-pt-e-chama-resultado-do-pisa-de-tragedia.shtml>

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - NOTAS E INFORMAÇÕES

Os números do Pisa

Em vez de discutir ideologia e religião, governo deveria se inspirar na experiência dos países que lideram o ranking.

Apesar de não ter sido o país latino com pior desempenho no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), como o ministro da Educação vinha prevendo desde o mês passado, o Brasil mais uma vez mostrou que se encontra praticamente estagnado em matéria de qualidade de ensino.

Ainda que a nota dos estudantes brasileiros com idade de 15 anos tenha apresentado pequena melhora na mais importante avaliação da educação básica do mundo, 4 em cada 10 adolescentes não conseguem identificar a ideia central de um texto, ler gráficos, resolver problemas com números inteiros e entender experiências científicas simples.

Aplicado pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) a cada três anos, o Pisa avaliou mais de 600 mil alunos de 79 países e deu ênfase à leitura em sua última edição, realizada em 2018. Do total de alunos avaliados, 17,5 mil foram brasileiros, sendo a maioria matriculada em escolas públicas. A prova, que também inclui matemática e ciência, tem questões abertas e de múltipla escolha e é feita por computador. Nesta edição, além disso, a OCDE passou a medir as habilidades dos estudantes de analisar, avaliar e checar a veracidade do que está escrito e identificar as fontes e o que o autor pretendeu expressar.

Em leitura, o Brasil ficou em 54.º lugar no ranking. Segundo a avaliação, 10% dos jovens no mundo conseguem diferenciar fato de opinião ao ler um texto, habilidade classificada como complexa pela OCDE. No Brasil, são 2% e, nesse grupo, não há jovens de baixa renda. Do total de estudantes brasileiros avaliados, só 26,7% entendem o significado literal de frases ou passagens curtas.

A pior posição do Brasil foi em matemática, tendo ficado na 70.ª colocação. Do total de estudantes brasileiros avaliados, apenas 32% estão no nível considerado básico ou acima dele – no máximo, conseguem comparar distâncias entre duas rotas ou converter preços em diferentes moedas. Na China, 16% dos estudantes estão no nível mais alto da disciplina, com raciocínio matemático considerado avançado. Entre os países da OCDE, só 2,4% chegam a esse patamar.

Já em ciência, apesar de uma melhora considerada pela OCDE como estatisticamente irrelevante, o Brasil ficou na 66.ª colocação entre 79 países. Segundo o Pisa, apenas 1% dos estudantes brasileiros atingiu os maiores níveis de desempenho, dominando conceitos científicos sobre vida e espaço e detendo conhecimentos superiores ao que se

espera no currículo para a faixa etária de 15 anos.

Desde que o Pisa foi aplicado pela primeira vez, o Brasil sempre esteve abaixo da média dos países participantes, a maioria deles desenvolvidos. Entre 2000 e 2010, o País destacou-se por ser um dos que mais avançaram na nota de matemática. Nos anos seguintes, porém, os resultados se estagnaram por causa, entre outros problemas, de mudanças abruptas da política educacional, determinadas mais por razões políticas do que pedagógicas. Esse é um ponto fundamental, pois os países que estão no topo do ranking do Pisa são, justamente, os que mantêm a continuidade de sua política há anos e usam os resultados do Pisa para aperfeiçoá-la.

Essa é a lição a ser tirada da última edição do Pisa. Infelizmente, ela ainda não foi aprendida pelas autoridades educacionais do governo Bolsonaro, cuja atuação no setor, com quase um ano de mandato, tem sido desastrosa. Além de não ter convertido a qualidade do ensino básico em prioridade, ele tem se revelado incapaz de promover uma articulação entre o MEC e as Secretarias de Educação estaduais.

Em vez perder tempo discutindo ideologia e religião no ensino básico, o governo deveria se inspirar na experiência dos países que lideram o ranking do Pisa. Se não sair da inércia em que se encontra, estará sacrificando a formação das novas gerações e impedindo o País de formar o capital humano de que precisa para voltar a crescer.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE

Exame expõe distância entre escola privada e pública

Colégios privados estariam no topo do ranking; no geral, País evoluiu pouco

Dados do ranking mundial do Pisa, divulgados ontem, colocariam a nota em Leitura das escolas particulares do Brasil na 11.^a posição, acima de países como a Suécia. As instituições privadas de elite ficariam na 5.^a colocação, à frente do Canadá. Já os colégios públicos estariam na 65.^a posição, entre 79. No geral, o País evoluiu pouco.

A nota de escolas particulares de elite do Brasil colocaria o País na 5.^a posição do ranking mundial de leitura do Pisa, ao lado da Estônia, que tem o melhor desempenho da Europa. Já o resultado isolado de escolas públicas estaria 60 posições abaixo, na 65.^a entre 79 países. Obtida com exclusividade pelo 'Estado', a tabulação foi feita pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), instituto que pesquisa dados de educação.

A avaliação internacional feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi divulgada ontem, em Paris. A nota geral do Brasil está entre as mais baixas do mundo nas três áreas avaliadas, Leitura, Matemática e Ciência. Quase metade dos estudantes não chega nem ao nível básico em nenhuma delas. "Como o País vai muito mal em educação, as pessoas tendem a colocar tudo no mesmo bolo, mas os resultados são bem diferentes na rede privada, com uma desigualdade enorme", diz o diretor do Iede, Ernesto Faria.

A pesquisa mostra que o desempenho das escolas particulares de elite em Matemática é bem pior do que em Leitura, na 30.^a colocação, mas na média dos países da OCDE (mais desenvolvidos e ricos). O Brasil está na 70.^a colocação.

Por escolas de elite, o estudo considerou aquelas cujos alunos têm nível socioeconômico

alto (o que considera renda/bens, ocupação, escolaridade dos pais) igual ou maior do que o registrado em países da OCDE. Em Ciências, esses alunos ficam na 12.^a posição, ao lado da Nova Zelândia e acima do Reino Unido e da Alemanha.

Apesar de o Colégio Santa Cruz, na zona oeste paulistana, fazer parte da elite do ensino brasileiro no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), o diretor Fabio Aidar diz não ver motivo para festa. “A desigualdade que temos no País não nos permite comemorar. É lamentável que exista um abismo tão grande entre estudantes.” Segundo ele, uma forma de o colégio tentar minimizar o problema é oferecer cursos de formação continuada a professores das redes estadual e municipal.

Rede. O estudo também tabulou o resultado de todas as escola particulares e não apenas das consideradas de elite. O desempenho delas em Leitura colocaria o Brasil na 11.^a colocação, acima da Suécia, e em 23.^a em Ciência, empatado com a Suíça. Matemática, mais uma vez, tem um resultado pior: 38.^a colocação. O Pisa considerou uma amostra de 10.691 estudantes de 15 anos, que fizeram a prova em 2018. Desses, 1.381 eram de escolas privadas de todo o País.

Há desigualdade até mesmo dentro da rede pública. Alunos

de escolas estaduais brasileiras tiveram nota em Leitura de 404 pontos, o que os deixaria ao lado da Bósnia, na 62.^a posição. Já os das federais estão no topo, na 16.^a colocação.

O Nordeste, por exemplo, que tem a média geral mais baixa das regiões do País, é ao mesmo tempo o que apresenta escolas federais com o maior desempenho

em Leitura, de 519. Entre as escolas municipais nordestinas, a média cai para 316 pontos – inferior à análise das Filipinas, última colocada do ranking. Já entre as escolas particulares, as melhores estão no Centro-Oeste, com nota 541, que as deixaria em 3.^o lugar do mundo.

Receita. Especialistas em educação explicam que os países que hoje têm as notas altas na prova foram os que investiram na melhoria do ensino dos mais pobres. O que, segundo eles, ainda não existe no Brasil. “Para aumentar a performance de um País, é preciso investir na base, pensar em políticas e estratégias para que os mais vulneráveis aprendam. Não adianta fazer com que os poucos que estão no topo melhorem”, diz Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco.

“As famílias precisam ter consciência de que educar não é pôr o filho na escola apenas, não basta estar matriculado. É preciso cobrar qualidade, que eles aprendam. Nesses países existe esse respeito pela educação”, completa o diretor da Fundação Lemann, Denis Mizne. Por outro lado, diz, o País precisa ter uma política educacional com foco no currículo, que selecione os melhores para serem professores.

Para especialistas, o governo Bolsonaro não tem contribuído para melhorar a atual situação. O programa de escolas cívico-militares, defendido ontem pelo ministro da Educação, Abraham Weintraub, vai ser implementado só em 54 escolas. “É mais uma política que concentra investimentos para fortalecer o topo”, diz Henriques. Ontem, ao anunciar os dados do Pisa, Weintraub considerou o desempenho do Brasil na prova “uma tragédia” e culpou gestões passadas.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE TRÊS PERGUNTAS PARA...

Mauro Aguiar, diretor do Colégio Bandeirantes

1. Como você analisa o desempenho das escolas de elite no Pisa?

É um resultado esperado, o colégio mesmo já havia feito a prova e ficado acima do Japão, por exemplo. Mas é um resultado triste porque nós somos 1% do País. A gente vive em uma bolha pequena, com uma elite intelectual de primeiríssima linha, mas muitos deles estão indo embora para o exterior. Hoje, o maior concorrente das escolas de elite é o exterior. Os pais querem ir embora do Brasil. Precisamos resolver a questão pública, principalmente nas escolas estaduais.

2. O que teria de mudar nas escolas públicas?

A formação de professores precisa ser voltada para a prática, é preciso mudar a forma de remuneração dos professores, não pode haver promoções automáticas só porque fizeram um curso qualquer. Isso precisa ser ligado à sala de aula, com foco no aluno. É preciso pagar melhor, mas também fazer o professor de escola pública trabalhar. Não é possível um aluno ter três aulas por dia porque o professor tem a garantia por lei de faltar sem dar explicações. Estão fazendo um genocídio com essas crianças.

3. E com relação às famílias, o que fazer?

Nós somos privilegiados porque nossos alunos têm nível econômico alto e é crucial no desempenho. Mas todas as famílias têm de cobrar como fazem as de escola privada. Imagina você pagar e o professor não aparecer? / R.C.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE 3 em cada 10 alunos dizem sofrer bullying no colégio

Três em cada dez alunos de 15 anos no Brasil afirmam sofrer bullying “algumas vezes ao mês”, segundo dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês). Os jovens brasileiros são alvo desse tipo de violência com mais frequência e em mais formas do que a média dos países-membros da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Desde 2015, os organizadores do Pisa perguntam aos alunos sobre experiências de bullying (o que pode envolver intimidações físicas ou verbais) no ambiente escolar. Entre os países da organização, 22,3% relatam sofrer bullying com frequência.

A proporção de estudantes brasileiros que sofrem as diferentes formas de bullying é maior do que a média. No Brasil, 16% relatam ter sido alvo de agressões verbais, 10% dizem ter sido ameaçados, 12% afirmam ter seus pertences roubados ou destruídos e 9% dizem ter sido agredidos fisicamente – na média da organização, os percentuais foram 13%, 5,5%, 6% e 7%, respectivamente.

“Esse comportamento violento pode ter consequências físicas e emocionais no longo prazo”, diz o relatório, que destaca pesquisas que mostram haver maior abandono escolar entre quem sofre e quem comete bullying. Os meninos tendem a estar mais

envolvidos em situações de violência escolar, tanto como vítimas como agressores.

“Professores e diretores não devem apenas ser capazes de reconhecer quando o bullying acontece, mas criar atmosfera menos propensa para que ele ocorra”, diz o relatório.

topo ↕

O ESTADO DE S. PAULO - SP - METRÓPOLE

Para avançar, deve-se investir no professor

Para avançarmos com muito mais vigor e consistência ao longo dos próximos anos, precisaremos colocar em prática uma dupla tarefa: uma agenda política, que dê centralidade à educação como estratégia de país; e uma agenda técnica, referenciada nas evidências de políticas públicas de maior sucesso. A saber, o maior determinante do sucesso dos países bem-sucedidos é o investimento nos professores: atratividade para a docência; excelência na formação; carreira estimulante e com cobrança de resultados, com melhores condições de trabalho; e apoio pedagógico constante. Claro que não basta apenas investir em políticas docentes.

Mas, sem elas, nenhuma medida surtirá resultados suficientes para mudar a educação brasileira de patamar. O Brasil deveria se inspirar na experiência de sucesso de outros países e implementar reformas que tenham como pilar mais importante a profissionalização da carreira do professor.

PRISCILA CRUZ É PRESIDENTE EXECUTIVA DO TODOS PELA EDUCAÇÃO;
JOÃO MARCELO BORGES É DIRETOR DE ESTRATÉGIA POLÍTICA E OLAVO
NOGUEIRA FILHO É DIRETOR DE POLÍTICAS EDUCACIONAIS

topo ↕

O GLOBO - RJ - EDITORIAL

Posição do Brasil no Pisa preocupa mais com um MEC sem rumo

Abraham Weintraub precisa enfrentar estagnação no ensino, em vez de travar guerras culturais

Os resultados no mínimo sofríveis que alunos brasileiros do ensino médio costumam obter no Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa) espelham o árduo caminho que o país percorre para melhorar em um setor vital. Os números do mais recente teste, referente a 2018, divulgados ontem, reforçam esta questão.

Há um cenário de estagnação da qualidade do ensino em um nível baixo: em Leitura, os estudantes brasileiros tinham obtido 412 pontos no Pisa de 2009, caíram para 407 nos dois testes seguintes, 2012 e 2015, voltando agora aos 413; em Ciências, caíram de 405 para 404, passando por 402 e 401 nos dois anos intermediários; enquanto em Matemática, desafio também não superado no Pisa pelos brasileiros, a melhor pontuação foi conseguida em 2012 (389), retrocedendo para 384 em 2018, uma ligeira melhora em relação aos 377 de 2015.

O país anda de lado numa zona de desconforto. Deve-se reconhecer que já foi pior. Um sistema de metas pactuadas entre governos e organismos da sociedade, tendo como parâmetro índices obtidos no âmbito da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico(OCDE), que congrega os países mais ricos, é responsável pelo Pisa, indicam que há avanços no início do ensino fundamental, progresso que não se sustenta no final do ciclo e no ensino médio.

Fato raro na política brasileira, houve uma bem-vinda continuidade em políticas

educacionais entre os períodos de governos tucanos e petistas, de 1995 a 2016. E com o vice de Dilma, afastada por impeachment, Michel Temer, foram lançadas a reforma do ensino médio — elo muito frágil no ensino básico — e a Base Nacional Comum Curricular,

para haver um currículo único no país, sem impedir que as escolas abordem temas regionais.

Preocupa a lentidão do avanço educacional. Agora mais ainda, com o governo Bolsonaro, em que o Ministério da Educação (MEC) passou a ser instrumento da “guerra cultural” que a extrema direita bolsonarista trava contra inimigos.

O ministro Abraham Weintraub precisaria mobilizar os recursos do MEC para enfrentar este quadro de estagnação na evolução do aprendizado.

O país avançou com a universalização da matrícula no ensino fundamental, porém falta seguir em frente. Este último Pisa coloca o estudante brasileiro em 54º lugar em Leitura, numa relação de 79 países; 40% dos estudantes não identificam o sentido principal de textos, por exemplo. Há muito a fazer no MEC. Usá-lo em luta política é um crime contra o país.

topo ↕

O GLOBO - RJ - MÍRIAM LEITÃO

PIB e Pisa dão avisos ao país

PIB de um trimestre pode ser recuperado, uma geração perdida na educação, não. Manter o ministro Weintraub é continuar errando na área

A economia cresceu um pouco mais do que se imaginava no terceiro trimestre. O desempenho dos estudantes brasileiros é ligeiramente melhor do que o da última avaliação em 2015. O PIB ainda está 3,6% abaixo do ponto onde estava antes de entrar na recessão. Os dados dos alunos em ciências, leitura e matemática ficaram estagnados na década, por erros dos governos anteriores. Projeta-se para o PIB um crescimento de pouco mais de 1%. Na educação, os temores são de que 2019 tenha sido um ano perdido.

Os indicadores da economia no terceiro trimestre foram divulgados no mesmo dia em que saiu o resultado da avaliação feita no ano passado com os estudantes de 15 anos pela OCDE em 79 países. É impossível não olhar ao mesmo tempo para os dois conjuntos de dados. PIB e Pisa trazem alertas diferentes, em tempos distintos, aos quais devemos estar atentos. Qualquer país que pense em crescimento sustentado olha os números da educação com a mesma atenção que dedica aos de produção, investimento e consumo.

O resultado do PIB foi bom. Esperava-se 0,4% e a alta foi de 0,6% no terceiro trimestre. O investimento subiu pelo segundo trimestre consecutivo. A construção civil também está positiva. A indústria extrativa deu um salto por causa do petróleo. Há também alguns dados decepcionantes, mas o resumo de tudo é que os economistas começam a rever a previsão de 2020 para um pouco mais de 2%. O ritmo é lento, mas o país está melhorando. O PIB ainda não voltou ao nível pré-crise, do primeiro trimestre de 2014. Contudo, está 4,9% acima do ponto a que chegou no quarto trimestre de 2016, depois de dois anos de recessão forte.

O PIB perdido pode ser recuperado. Até uma década perdida na economia pode dar lugar a um período de forte retomada. Uma geração perdida na educação não se recupera. Os erros na economia produzem dores sociais, mas há sempre a chance da recuperação, e a equipe econômica tem tentado acertar. Os erros da educação fizeram o país perder o ano de 2019.

Os dados divulgados ontem pelo Pisa se referem a governos anteriores. Houve melhora mínima em 2018 comparado com 2015 nas três áreas. A avaliação do desempenho dos estudantes se faz a cada três anos e a próxima será 2021. Já perdemos um terço desse tempo, numa administração caótica no Ministério da Educação, sem foco, sem conhecimento da natureza da agenda para acelerar o país.

O governo Bolsonaro errou em várias áreas e continua errando. É como se essa administração não se satisfizesse apenas com o fundo do poço. Ao chegar lá, continua cavando. As últimas nomeações na área cultural mostram a opção pela insanidade. Na educação, não há chance de acertar se for mantido o ministro Abraham Weintraub. O que já vimos é mais do que suficiente. Ele não entende de educação, não ouve quem entende, despreza os alertas e se ocupa sistematicamente com falsas questões. Se o governo Bolsonaro quiser perder os próximos anos deve manter esse ministro. Se almeja melhorar, ele deve ser trocado por outro que entenda a missão desse cargo estratégico.

A desigualdade aumentou nos indicadores educacionais. Os alunos de maior nível socioeconômico têm desempenho muito acima dos estudantes de menor nível. Em leitura, a diferença é de 97 pontos. Como 35 pontos equivalem a um ano letivo, é como se fossem dois anos de diferença. Apenas metade dos alunos brasileiros atingiu o nível mínimo de proficiência em leitura.

Quem pensa a economia de forma atualizada sabe que a desigualdade brasileira é disfuncional e incompatível com um projeto consistente de crescimento. A educação à deriva vai aprofundar a desigualdade. Hoje, há várias tentativas desordenadas e torques desenvolvidos para os problemas da educação. Há consenso de que é preciso valorizar o professor, ter uma boa política de alfabetização, aprender com os vários casos de sucesso no próprio Brasil, estimular no jovem a visão de um projeto de vida para que ele permaneça na escola.

Na economia, há consenso de que é preciso aumentar a produtividade e a qualificação de trabalhadores para um mundo de mudança acelerada. O Brasil pode limitar sua preocupação ao PIB do próximo trimestre ou do próximo ano. Mas o que ele deveria fazer é olhar seriamente para a educação se quiser ter um futuro econômico.

[topo](#)

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

Pisa: Brasil repete mau desempenho

Desempenho do Brasil em avaliação mundial de leitura, matemática e ciências mostra estagnação desde 2009; especialistas defendem reformas estruturais, como mudanças na formação e na carreira do professor

O Brasil está estagnado há uma década entre os piores níveis de aprendizado avaliados pelo Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa).

De acordo com o resultado do teste de 2018, divulgado ontem, 43% dos participantes brasileiros não aprenderam o mínimo necessário nas três áreas do conhecimento testadas: leitura, matemática e ciências. Neste quesito, a média dos países que formam a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) é de apenas 13%.

Ao todo, 78 países e economias realizaram a avaliação. Como o teste foi feito em 2018, não inclui a gestão Jair Bolsonaro, que será avaliada na próxima edição, em 2021.

A média brasileira ficou em 413 no quesito Leitura (57º do mundo), 384 em Matemática (70º) e 404 em Ciências (64º). As notas são levemente mais altas do que o último resultado, de 2015, mas insuficientes para serem consideradas um avanço, segundo o relatório da OCDE.

“No Brasil, o desempenho médio em matemática melhorou no período 2003-2018, mas a maior parte dessa melhoria ocorreu até 2009. Depois, em matemática, como em leitura e em ciência, o desempenho médio ficou estável”, diz o texto da organização.

‘SEM SURPRESAS’

— Não houve surpresas, pois não houve nenhuma política implementada que pudesse alavancar os resultados de 2015 —avaliou José Francisco Soares, membro do Conselho Nacional da Educação (CNE) e ex-presidente do Inep (2014-2016).

A ex-diretora global de Educação do Banco Mundial Claudia Costin afirma que o Brasil já deu início a algumas das reformas que estão prestes a ser implementadas, como os currículos feitos por estados e municípios a partir da Base Nacional Comum Curricular. Ela aponta, porém, que é preciso realizar mudanças na formação e carreira do professor.

—Além dos salários, os contratos não podem ser fragmentados. Nenhuma profissão de ensino superior tem contrato de 16h — afirma Costin, que emenda: —Médico está desde o primeiro período com o pé no hospital. Na docência, a formação é predominantemente teórica. Isso tem que ser resolvido na formação.

O Pisa foi aplicado em maio de 2018 acerca de 600 mil jovens (10 mil brasileiros) de escolas públicas e privadas, com idades entre 15 e 16 anos.

topo 

O GLOBO - RJ - SOCIEDADE

Não há fórmula mágica

Países do topo têm baixa desigualdade no acesso às oportunidades, carreira docente atrativa e formação, universitária e em serviço, de alta qualidade

A divulgação da sexta edição do Pisa traz poucas novidades em relação aos anos anteriores, mas consolida algumas conclusões que já estavam claras há algum tempo. Talvez a principal lição dos dados seja que, no curto prazo, não há milagre. Os países do topo são todos de alta renda per capita, de baixa desigualdade no acesso às oportunidades educacionais, onde a carreira docente é atrativa e a formação, universitária e em serviço, de alta qualidade.

Olhar para o exemplo dessas nações é importante, mas chega de vender ilusões. O Brasil, país de investimento por aluno significativamente menor e com população adulta

com menor nível de renda e escolaridade em relação às nações desenvolvidas (fruto de nosso atraso histórico no setor) não estará tão cedo no topo do ranking, mesmo que nossas políticas públicas caminhem na direção certa, o que, infelizmente, não é o caso.

Os resultados do Brasil são frustrantes pelo fato de terem ficado estagnados, depois de um aumento verificado entre 2003 e 2009, especialmente na prova de matemática. Nossa meta mais factível seria mirar o topo da América Latina, mas, mesmo assim, ficamos em posição intermediária: bem atrás de Chile, em patamar inferior também a Uruguai, Costa Rica e México; empatados com a Colômbia, e um pouco à frente de Argentina e Peru. Panamá e República Dominicana, bem atrás dos demais, completamos países da região examinados.

A OCDE destaca ao menos um dado positivo do Brasil: a proporção de alunos matriculados em escolas cresceu desde que o exame passou a ser aplicado, em 2000, sem que as médias caíssem. Por outro lado, o mesmo dado revela que há um terço de alunos que não participaram do Pisa por estar, aos 15 anos, fora da escola ou muito atrasados. Se esses jovens fossem incluídos na prova, as médias seriam provavelmente menores, por se tratar de uma população mais vulnerável. Não necessariamente cairíamos mais por causa disso, pois vale lembrar que outros países abaixo do Brasil no Pisa também enfrentam desafio semelhante.

Entre os dados mais negativos do país estão o fato de termos, entre as nações avaliadas, um dos piores indicadores de desigualdade entre escolas e de indisciplina dos alunos, fatores que fazem com que nosso desempenho seja inferior ao que poderia ser esperado.

A divulgação do Pisa costuma gerar sempre um exercício de autoflagelação e de simplificações grosseiras. Um dos erros mais comuns é repetir que temos um dos piores sistemas educacionais, quando, na verdade, a OCDE avalia apenas 78 nações ou territórios. A China, por exemplo, participa apenas com suas províncias mais ricas. Supor que países como Índia, Indonésia, Paquistão ou Nigéria — apenas para citar gigantes populacionais — estariam provavelmente em posição inferior à nossa, no entanto, não pode servir de desculpa ou consolo. Há um longo caminho a percorrer, e o Pisa, apesar de suas limitações, fornece algumas pistas. Mas não uma fórmula mágica.

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL

País completa década perdida no Pisa, e paralisa no MEC eleva preocupação Aprendizagem dos estudantes brasileiros ficou estacionada em 2018, segundo avaliação internacional

A aprendizagem dos estudantes brasileiros ficou estacionada em 2018, completando uma década de estagnação pelos critérios do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), divulgado ontem pela Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Econômico (OCDE).

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/12/04/pais-completa-decada-perdida-no-pisa-e-paralisia-no-mec-eleva-preocupacao.ghtml>

topo ↕

VALOR ECONÔMICO - SP - BRASIL

Escolas privadas ajudam a segurar nota brasileira

Notas da rede particular subiu, ao contrário do que ocorreu no ensino público

As escolas particulares do Brasil tiveram desempenho melhor na edição de 2018 do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa, na sigla em inglês), o que ajudou a segurar a nota média do Brasil, mostra um levantamento da consultoria iDados elaborado para o Valor.

Leia a matéria na íntegra acessando o link:

<https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/12/04/escolas-privadas-ajudam-a-segurar-nota-brasileira.ghtml>

topo ↕

JORNAL DO COMÉRCIO - RS - GERAL

Avaliação revela quadro crítico do ensino brasileiro

Não chega a surpreender, mas a educação básica brasileira passa por uma crise generalizada. A constatação está na maior avaliação de educação básica do mundo, o Pisa, realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Conforme o levantamento, quatro em cada dez adolescentes não conseguem identificar a ideia principal de um texto, ler gráficos, resolver problemas com números inteiros e entender um experimento científico simples.

Não chega a surpreender, mas a educação básica brasileira passa por uma crise generalizada. A constatação está na maior avaliação de educação básica do mundo, o Pisa, realizada pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Conforme o levantamento, quatro em cada dez adolescentes não conseguem identificar a ideia principal de um texto, ler gráficos, resolver problemas com números inteiros e entender um experimento científico simples.

O País se mantém entre as últimas colocações do ranking internacional nas três áreas avaliadas: leitura, matemática e ciência. E ainda é uma das nações com maior diferença de desempenho entre estudantes ricos e pobres.

Participaram da prova, realizada no ano passado, 600 mil estudantes em 79 países. No total, 597 escolas públicas e privadas fizeram a prova no Brasil, totalizando 10.961 alunos, sendo 72,3% matriculados nas redes estaduais de ensino. O exame é feito desde 2000, de três em três anos, com países membros da OCDE e convidados, como é o caso do Brasil. A China, representada pelas províncias de Pequim, Shanghai, Jiangsu e Zhejiang, ficou em primeiro lugar dos rankings mundiais das três áreas.

A nota média do Brasil em leitura subiu de 407 para 413 pontos, entre 2015 e 2018. Apesar do avanço em relação à última edição não ser estatisticamente significativo, a tendência de aumento desde 2000 é considerada relevante pela OCDE.

Além disso, a amostra de alunos do Brasil cresceu muito nos últimos anos, o que, em geral, tenderia a baixar a nota do País. Isso porque o País tem aumentado nos últimos anos o índice de jovens de 15 anos na escola - idade em que o adolescente deve ingressar no ensino médio. A inclusão leva jovens de baixa renda a frequentarem a escola.

O relatório do Pisa destaca, logo nas primeiras páginas, o Brasil como um dos seis países em que "a qualidade da educação não foi sacrificada quando se aumentou o acesso à escola". Os outros são México, Albânia, Indonésia, Turquia e Uruguai. "Em países onde a inclusão aumentou, a manutenção dos resultados em um mesmo patamar

pode ser em si um fato positivo", disse a analista de educação da OCDE Camila de Moraes, que é brasileira.

Apenas 2% dos jovens conseguem distinguir fato de opinião Além de cobrar interpretação e compreensão de texto, a prova incluiu competências necessárias para "construir conhecimento, pensamento crítico e tomar decisões bem embasadas", como explicou o relatório da OCDE. Os resultados mostram que só 10% dos jovens no mundo conseguem distinguir fato de opinião, habilidade considerada complexa pelo Pisa. No Brasil, esse grupo representa 2% e não inclui jovens de baixa renda. No ranking de leitura, o País ficou acima de cinco nações latinas: Argentina, Colômbia, Peru, Panamá e República Dominicana. Mesmo assim, metade dos estudantes não consegue chegar ao nível 2 de desempenho na área (os patamares vão de 1 a 6), considerado o conhecimento mínimo esperado para a idade. Isso quer dizer que os estudantes de 15 anos não entendem o propósito de um texto e não encontram informações que estão explícitas.

Mais de dois terços não chega ao nível básico em Matemática Em Matemática, também houve melhora significativa nos resultados entre 2003, primeiro ano em que o Pisa destacou a área, e 2018. Entre 2015 e o ano passado, a nota do Brasil subiu de 377 para 384. No entanto, a pior posição no ranking do País é em Matemática, 70ª colocação, ficando atrás de Peru, Colômbia e Líbano. Mas ainda acima de Argentina, Panamá, Filipinas, entre outros. No Brasil, só 32% dos estudantes estão no nível 2, considerado básico, e acima dele. Ou seja, 68%, mais de dois terços, consegue, por exemplo, comparar distância de duas rotas ou converter preços em diferentes moedas. Entre os países da OCDE, o índice de jovens do nível 2 é de 76%. Entre os melhores resultados de Matemática estão os países asiáticos, como China, Cingapura, Hong Kong e Coreia do Sul. Na China, 16% dos estudantes estão no mais alto nível da disciplina, com raciocínio matemática considerado muito avançado. Entre os países da OCDE, só 2,4% chegam a esse patamar.

Weintraub chama resultado de tragédia O ministro da Educação, Abraham Weintraub, classificou o desempenho do Brasil como uma "tragédia" e atribuiu os resultados "integralmente ao PT". "Este governo não tem nada a ver com este Pisa", declarou. O curioso em relação à crítica do ministro é que quem lidera todos os rankings é um país comunista, a China. O ministro defendeu a política educacional implementada pelo atual governo. "Quando olhamos as escolas militares e cívico-militares já existentes, o Brasil está acima da média da OCDE." Alunos de colégios militares custam três vezes mais do que os que estudam na rede pública normal.

topo ↕

AGÊNCIA BRASIL - TEMPO REAL

Lista de vencedores da Obmep está disponível no site da competição

Estudantes que participaram da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep) deste ano já podem conferir o resultado. A lista dos vencedores foi divulgada nesta terça-feira (3), no site da competição.

A 15ª edição da Obmep registrou mais de 18 milhões de inscritos, de 54,8 mil escolas, de 99,71% dos municípios brasileiros. O torneio é destinado a estudantes do 6º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio.

Foram distribuídas 575 medalhas de ouro, 1.725 medalhas de prata, 5.175 de bronze e 51,9 mil menções honrosas. Todos os alunos medalhistas serão convidados a participar do Programa de Iniciação Científica (PIC Jr.), do Instituto de Matemática Pura Aplicada (Impa), como incentivo e promoção do desenvolvimento acadêmico dos participantes.

Criada em 2005, a Obmep tem o objetivo de estimular o estudo da matemática e identificar jovens talentos na área e contribuir para a melhoria da educação básica. A olimpíada é realizada pelo Impa e pelos ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

topo ↕

ÉPOCA - RJ - TEMPO REAL

Mercadante responde a Weintraub

Petista analisa diretrizes do novo governo e chama ministro para debate

Entre sessões de karaokê familiar e provocações gratuitas a adversários, as redes sociais do ministro da Educação Abraham Weintraub ganharam nos últimos dias um texto distante de seu cardápio usual. A postagem traz diretrizes daquilo que o ministro entende se tratar do plano geral para a Educação no governo Bolsonaro, sob a assinatura de seu assessor Victor Metta, advogado e ex-tesoureiro do PSL.

O texto é longo, mas em linhas gerais sustenta que:

- 1 - A política de ampliar vagas no ensino das últimas décadas foi um equívoco, pela má qualidade dos cursos.
- 2 - A prioridade ao ensino superior deve ser substituída por mais atenção a vagas em creches (há promessa de lançar uma espécie de voucher-creche) e no ensino básico (com apoio à escola em tempo integral, aos colégios cívico-militares e aumento da fatia federal no Fundeb — principal fonte de custeio da educação infantil nos municípios).
- 3 - O MEC incentivará o hábito de leitura entre pais e filhos na fase pré-escolar (até 5 anos) e lançará uma nova política de alfabetização, “com base em métodos científicos”.
- 4 - Após o que chama de fracasso do Pronatec, o ensino técnico será reorganizado.
- 5 - De 300 mil funcionários do MEC, 100 mil foram contratados nos últimos anos do governo Dilma. Esse é um dos motivos de o aumento do investimento em universidades só ocorrer, a partir de agora, se for privado.
- 6 - No programa Escola para Todos, privilegia-se o ensino ministrado “com base no pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas, resguardada a liberdade de expressão, a tolerância de opiniões e o acesso, em sala de aula, às diversas perspectivas sociais, culturais, econômicas e históricas”.
- 7 - O novo MEC seria tocado por um time de “gestores públicos competentes e capazes de cumprir sua missão sem desperdiçar dinheiro com propaganda ideológica e cabides de empregos”.

A coluna convidou os dois ex-ministros da Educação mais longevos dos governos Lula e Dilma, Fernando Haddad e Aloízio Mercadante, a comentarem as ideias do novo

ministro. Haddad fez que não era com ele e declinou. Mercadante topou.

A seguir seus principais argumentos:

1 - É um equívoco dividir a educação em “falsas oposições”, como entre ensino básico e educação superior. “A educação exige uma perspectiva sistêmica, na qual todas as etapas estão interligadas e são interdependentes, com programas articulados e complementares, que incidem e integram da creche à pós-graduação”, diz o ex-ministro.

2 - O ex-ministro reclama da omissão do MEC frente a um debate urgente, que é regulamentação do novo Fundeb, que vence em 2020. Weintraub se diz comprometido a um aumento anual de 1% no dispêndio federal no fundo, projeto menos ambicioso que o discutido pelo Congresso. “Depois de mais de um ano de discussões, não apresentou uma proposta”, reclama o petista.

3 - Novos reitores nomeados são quase sempre os menos votados das listas das comunidades universitárias, o que seria um desrespeito ao princípio constitucional da autonomia universitária.

4 - Em curiosa coincidência, Mercadante repete as justificativas do programa Escola para Todos de Weintraub, ao defender que uma educação que respire “liberdade, democracia e pluralidade”. Aqui, o ex-ministro soma a ideia de “diversidade”, que não é citada no texto de Weintraub. Para o petista, tais valores são, na verdade, relegados no governo novo. “Agressões aos direitos humanos, às ciências humanas, às artes e à cultura vão aprofundando essa escalada obscurantista contra os valores civilizatórios”, ele diz.

5 - Weintraub defende a escola integral como boa prática, mas Mercadante lembra que foi do governo anterior a ideia de iniciar a jornada escolar obrigatória aos 4 anos de idade, e não aos 7, como era antes.

6 - O petista reclama do fim da iniciativa de formação complementar de alfabetizadores e reclama de agressão à pluralidade pedagógica, decorrente da tentativa de imposição do método fonético de alfabetização com o novo plano do governo.

7 - Mercadante reclama da paralisação de programas de formação de professores e não apresentação de “uma única alternativa”, nesse que, para ele, “é o maior desafio da indução à qualidade”. Ele lembra que escolas cívico-militares atingem 0,15% da rede — o que torna questionável a adoção deste modelo como símbolo da gestão e objeto principal de ação.

8 - O petista considera um sucesso o Pronatec, por ter alcançado, segundo ele, 9,4 milhões de matrículas.

9 - Mercadante observa o apreço da nova gestão por implantar voucher como forma de suprimir lacunas diversas do Estado, em diferentes áreas da educação. “Querem abrir o caminho para setores empresariais que estão ávidos pela privatização dos recursos destinados à educação pública”, alerta.

10 - Por fim, o ministro argumenta que gestão precisa de estabilidade. “Não pode ser

um aglomerado ideológico conservador, sem experiência em gestão pública e sem formação acadêmica adequada”. Para ele, “a gestão da educação precisa de profissionais que amem a educação, e este não é o caso”.

11 - O ministro não comentou o aumento denunciado por Weintraub, de 100 mil vagas no MEC na gestão Dilma.

Há quem diga que para sobreviver e existir na política, a fórmula é antagonizar, antagonizar e antagonizar com quem disputa o poder.

Ingênua que só ela, a coluna crê no debate de ideias e imagina até ver algum dia gente dos dois governos concordando e reconhecendo qualquer mérito que seja, de parte a parte. Quem sabe, no fim deste debate.

A ver as cenas dos próximos capítulos.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Ministro da Educação confirma as quatro escolas cívico-militares de SC **Unidades serão em Chapecó, Itajaí, Biguaçu e Palhoça.**

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, confirmou em vídeo nesta terça-feira (3) o nome das quatro escolas que terão o modelo cívico-militar em Santa Catarina. Em Chapecó, no Oeste, será a Escola de Educação Básica (EEB) Professora Irene Stonoga. Em Itajaí, Escola Básica Melvin Jones.

Já haviam sido anunciadas a EEB Professor Ângelo Cascaes Tancredo, em Palhoça, e a EEB Emérita Duarte Silva e Souza, em Biguaçu, ambas na Grande Florianópolis. A confirmação do ministro foi feita em um vídeo publicado na rede social da deputada Caroline de Toni (PSL).

De acordo com a Secretaria de Estado da Educação, em Chapecó o governo federal vai investir na estrutura e o governo do estado ficará responsável pelos policiais militares e bombeiros militares da reserva que atuarão na escola. A unidade atende 599 alunos do ensino fundamental e médio, que estudam pela manhã e à tarde.

Em Itajaí, 1,1 mil alunos estudam na escola, do pré ao nono ano, pela manhã e à tarde. Segundo a diretora do Ensino Fundamental da Secretaria Municipal de Educação, Jaqueline Rosa, na próxima semana três representantes do município irão a Brasília para conversar sobre a parceria com o governo federal para a escola.

Grande Florianópolis

A Escola Professor Ângelo Cascaes Tancredo, em Palhoça, começará a funcionar no ano letivo de 2020. A unidade atenderá 400 alunos por turno, do sexto ao novo ano do ensino fundamental e ensino médio. A estrutura tem área total de 5.960 metros quadrados em um terreno de aproximadamente 10 mil metros quadrados, conforme a secretaria.

A primeira escola catarinense a adotar o modelo cívico-militar foi a Escola de Educação Básica Emérita Duarte Silva e Souza, em Biguaçu. Com a adesão à proposta do MEC, a unidade, que tem 845 alunos do ensino fundamental, terá também turmas no ensino médio a partir de 2020.

Recursos de R\$ 1 milhão por escola

Para o primeiro ano do programa, em 2020, o MEC estabelece como critérios o ingresso de duas escolas por unidade da federação, com 500 a mil alunos, com ênfase no atendimento de anos finais do ensino fundamental e ensino médio, nas capitais ou nas regiões metropolitanas.

Segundo o MEC, cada escola selecionada receberá um aporte do governo federal de R\$ 1 milhão para ser investido em infraestrutura, laboratórios e suporte à implantação do novo modelo.

O objetivo do MEC é estabelecer novas 216 escolas cívico-militares em todo o país até 2023 – a iniciativa piloto, em 2020, contemplará 54.

Como funciona o modelo

O modelo das escolas cívico-militares abrange áreas didático-pedagógicas, com atividades que pretendem melhorar o processo de ensino-aprendizagem, mas preservando as atribuições exclusivas dos docentes. Todas as atribuições dos profissionais da educação previstas na Lei de Diretrizes e Bases (LDB) serão preservadas.

As escolas contempladas podem contar com militares da reserva das Forças Armadas para trabalhar nas unidades, em uma parceria entre MEC e Ministério da Defesa. A duração mínima do serviço é de dois anos, prorrogável por até 10 anos. Os profissionais vão receber 30% da remuneração que recebiam antes de se aposentar.

Há ainda a opção dos estados destinarem policiais e bombeiros militares da reserva para apoiar na administração das escolas. Nesse caso, o MEC repassa a verba ao governo estadual, que, em contrapartida, investirá na infraestrutura das unidades.

topo 

G1 - TEMPO REAL

Brasil está estagnado entre os países com pior nível de aprendizado básico. É o que mostram os resultados do mais importante sistema de avaliação mundial, o Pisa. Nos últimos dez anos, o nível da educação no Brasil não melhorou.

O sistema de avaliação educacional mais importante do mundo, anunciado nesta terça (3), mostrou o Brasil estagnado há uma década entre os países com pior nível de aprendizado na educação básica.

O Pisa analisa o desempenho de estudantes a cada três anos. Alunos de 15 e 16 anos de dezenas de países fazem provas de matemática, ciências e leitura. E o resultado das provas realizadas em 2018 não foi bom para o Brasil.

Após o país registrar avanços nas primeiras edições do Pisa, de 2000 a 2009, nos últimos dez anos, o nível da educação não melhorou, oscilou muito pouco. Ficamos patinando e seguimos atrás de países desenvolvidos.

Em matemática e ciência, a pontuação de 2018 é ligeiramente inferior à de 2009. Em leitura, o Brasil cresceu só um ponto. Em comparação com o exame anterior, em 2015, o Brasil teve pequena melhora nas notas de leitura, matemática e ciências, mas não o

bastante para que isso seja considerado um avanço.

O Brasil ficou na posição 57 no ranking de leitura, 70 em matemática e 65 em ciências, entre 78 países ou regiões.

Quarenta e três por cento dos estudantes brasileiros não aprenderam o mínimo considerado necessário em nenhuma das três áreas testadas. E só 2% conseguiram as melhores notas em pelo menos uma área.

Na América Latina, nos saímos melhores que países como Argentina, República Dominicana e Panamá, mas ficamos atrás de Uruguai, México e Chile.

A presidente do Todos Pela Educação, Priscila Cruz, disse que para mudar essa realidade, é preciso investir no professor.

“A mensagem do Pisa é muito clara. Os países que mais avançam em termos de aprendizagem no mundo inteiro são aqueles que escolheram e optaram por uma estratégia que centraliza o investimento no professor. O professor é o principal determinante da qualidade do ensino”, disse Priscila Cruz, do Todos pela Educação.

O secretário de Educação Básica do MEC, Jânio Carlos Endo Macedo, diz que é preciso um esforço de toda a sociedade para reverter esse quadro.

“O ensino brasileiro depende, sim, de uma maneira muito forte de um trabalho conjunto entre MEC, estados e municípios. Se nós não tivermos um trabalho conjunto entre secretários municipais, secretários estaduais e o MEC na busca de uma melhor qualidade do nosso ensino, nós não vamos conseguir avançar.”

A diferença entre alunos mais pobres e mais ricos aumentou nos últimos dez anos. Estudantes em desvantagem socioeconômica ficaram até 97 pontos atrás de colegas em melhores condições. Há dez anos, essa diferença era de 84 pontos.

Mas a boa notícia é que 10% dos estudantes mais pobres conseguiram ficar entre os melhores em leitura.

A Ana Beatriz, filha do José Geraldo, estuda numa escola pública. Ele diz que a persistência e a dedicação aos estudos também são fundamentais para garantir uma boa educação.

Ana Beatriz diz que um bom ambiente escolar ajuda muito. O Pisa mostrou que quase um terço dos estudantes já sofreu bullying e 85% consideram importante ajudar os colegas que não sejam capazes de se defender.

topo ↕

TERRA - TEMPO REAL

Escolas privadas de elite do Brasil superam Finlândia no Pisa; rede pública vai pior do que Peru

Tabulação feita pela Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede) constatou desigualdades até dentro da rede pública, com escolas federais no nível da Austrália e estaduais ao lado da Bósnia

SÃO PAULO - A nota das escolas particulares de elite do Brasil colocaria o País na 5ª posição do ranking mundial de leitura do Pisa, ao lado da Estônia, que tem o melhor desempenho da Europa. Já o resultado isolado das escolas públicas estaria 60 posições abaixo, na 65ª, entre 79 países. A tabulação foi feita a pedido do Estado pelo Interdisciplinaridade e Evidências no Debate Educacional (Iede), instituto que pesquisa dados de educação.

A avaliação internacional feita pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) foi divulgada nesta terça-feira, 4, em Paris. A nota geral do Brasil está entre as baixas do mundo nas três áreas avaliadas, Leitura, Matemática e Ciência. A maior parte dos estudantes não chega nem ao nível considerado básico de nenhuma delas.

"Como o País vai muito mal em educação, as pessoas tendem a colocar tudo no mesmo bolo, mas os resultados são bem diferentes na rede privada, o que mostra uma desigualdade enorme", afirma o diretor do Iede, Ernesto Faria, pesquisador responsável pelo estudo e que tem uma tese de doutorado sobre o Pisa.

O estudo de Faria compara a nota geral da elite das escolas privadas brasileiras com a nota geral das redes dos outros países, incluindo colégios públicos e privados.

A pesquisa mostra que o desempenho das escolas particulares de elite do Brasil em Matemática é bem pior que em Leitura, 30ª colocação, mas consegue ficar na média dos países da OCDE. O Brasil está na 70ª colocação. Por escolas de elite, o estudo considerou aquelas cujos alunos têm nível sócioeconômico alto (o que considera renda/bens, ocupação, escolaridade dos pais) igual ou maior ao registrado em países membros da OCDE. A entidade reúne as nações mais ricas do mundo. Em Ciências, esses alunos brasileiros ficam na 12ª posição, ao lado da Nova Zelândia e acima do Reino Unido e da Alemanha, por exemplo.

Apesar de o Colégio Santa Cruz, na zona oeste da capital, fazer parte da elite do ensino brasileiro - com alto desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) -, o diretor Fabio Aidar diz não ver motivo para comemoração. "A desigualdade que temos no País não nos permite comemorar termos um resultado como esse. É lamentável que exista um abismo tão grande entre os estudantes". Segundo ele, uma forma de o colégio tentar minimizar o problema é oferecendo cursos de formação continuada para professores das redes estadual e municipal.

"A gente vive em uma bolha pequena, com uma elite intelectual de primeiríssima linha, mas muitos deles estão indo embora para o exterior. Hoje, o maior concorrente das escolas de elite é o exterior. Os pais querem ir embora do Brasil", comenta Mauro Aguiar, diretor do Colégio Bandeirantes, zona sul paulistana.

Ainda segundo ele, é importante que a formação dos professores seja voltada para a prática e garantir foco no aluno.

O estudo do Iede também tabulou o resultado de todas as escolas particulares e não só das consideradas de elite. O desempenho delas em Leitura colocaria o Brasil na 11ª colocação, ao acima da Suécia, e em 23ª em Ciência, empatado com a Suíça. Matemática, mais uma vez, tem um resultado pior: 38ª colocação. Participaram do Pisa

uma amostra de 10.691 estudantes de 15 anos, que fizeram a prova em 2018. Desses, 1.381 estavam em escolas privadas de todo o País.

As desigualdades educacionais brasileiras estão presentes até mesmo dentro da rede pública. Alunos de escolas estaduais brasileiras tiveram nota em Leitura de 404 pontos, o que os deixaria ao lado da Bósnia, 62ª posição. Já os das federais estão no topo, na 16ª colocação, com desempenho similar ao da Austrália. As escolas da rede federal de ensino do País sofreram neste ano com o contingenciamento de recursos do Ministério da Educação.

As diferenças de desempenho são grandes até dentro da mesma localidade. No Nordeste, por exemplo, que tem a média geral mais baixa das regiões do País, é ao mesmo tempo o que apresenta escolas federais com o maior desempenho em Leitura, de 519. Entre as escolas municipais nordestinas, a média cai para 316 pontos - inferior a das Filipinas (340), última colocada do ranking do Pisa. Já entre as escolas particulares, as melhores estão no Centro-Oeste do Brasil, o que inclui Brasília, com nota 541, que as deixaria em 3º lugar do mundo.

Países com notas altas focaram na aprendizagem dos mais pobres

Especialistas em educação explicam que os países que hoje têm os desempenhos mais altos na prova foram os que se comprometeram a investir na melhoria do ensino dos mais pobres. O que, segundo eles, ainda não existe no Brasil. "Para aumentar a performance de um País, é preciso investir na base, pensar em políticas e estratégias para que os mais vulneráveis aprendam. Não adianta fazer com que os poucos que estão no topo melhorem", diz Ricardo Henriques, superintendente do Instituto Unibanco.

"As famílias, principalmente as mais pobres, precisam ter consciência que educar não é por o filho na escola apenas, não basta estar matriculado. É preciso cobrar qualidade e que eles aprendam, nesses países existe esse respeito pela educação", completa o diretor da Fundação Lemann, Denis Mizne.

Por outro lado, diz, o País precisa ter uma política educacional que tenha foco no currículo e selecione os melhores para serem professores. "Na China ou em Cingapura só os alunos excelentes podem se tornar professores."

Para os especialistas, o governo Jair Bolsonaro não tem contribuído para melhorar o processo. O programa de escolas cívico-militares, defendido pelo ministro Abraham Weintraub nessa terça como medida para reverter os resultados ruins do Pisa, vai ser implementado em apenas 54 escolas em todo o País.

"É mais uma política que concentra investimentos para fortalecer o topo já que não vai atender todos os alunos", disse Henriques.

O ministro ainda culpou gestões anteriores pelo mau desempenho do Brasil na prova.

"Não conheço lugar do mundo que tenha usado esse modelo para melhorar a educação. É preciso desenvolver estratégias que promovam equidade, não mais desigualdade", completa Ana Maria Diniz, presidente do Instituto Península.

Ela disse que, no início do ano, havia uma expectativa positiva com a política de

alfabetização prometida pelo governo Bolsonaro. Apesar de ter sido elencada como prioridade, nenhuma estratégia ou ação para as escolas foi definida neste ano.

"Tudo começa na alfabetização, por isso, havia uma boa expectativa. Mas a política e a busca de ações para as escolas perderam espaço para a briga ideológica", disse.

Para ela, ações que podem trazer resultados positivos são políticas efetivas de formação inicial e continuada de professores, a implementação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que define o que os alunos devem aprender em cada etapa de ensino, e a reformulação do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação Básica (Fundeb), mecanismo de financiamento da educação básica, para melhor redistribuição de recursos.

Para Henriques, a estruturação dessas políticas passa por um processo de organização de todo o sistema de ensino brasileiro.

"É preciso pensar em uma melhoria sistêmica, da estrutura financeira para as escolas às políticas de formação para os professores. Não faltam experiências no Brasil que estão dando certo, só precisamos estabelecer como prioridade transformar essas experiências bem sucedidas em exemplos a serem seguidos, replicados em larga escala."

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

O que fez países asiáticos, como a China, chegarem ao topo do Pisa

Alunos em sala de aula do condado autônomo Yao de Dahua, na China, em novembro de 2019 - Xinhua/Huang Xiaobang

A China deixou para trás países como Singapura e Finlândia e passou a ocupar o primeiro lugar no ranking do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes), principal avaliação da educação básica no mundo.

Os dados são de 2018 e foram divulgados hoje pela OCDE (Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico).

As províncias chinesas de Pequim, Xangai, Jiangsu e Guangdong, que foram avaliadas como uma só, aparecem no topo do ranking das três áreas analisadas pelo exame: leitura, matemática e ciências. Singapura, que liderou o Pisa em 2015, ocupa agora o segundo lugar.

Macau e Hong Kong, outros dois territórios chineses que foram avaliados de forma independente, também figuram entre as dez primeiras posições no ranking de cada uma das áreas analisadas.

Outros países e regiões asiáticas, como a Taipei chinesa, Japão e Coreia, completam a relação dos territórios com melhor desempenho no exame.

Mas quais fatores explicam o domínio de países asiáticos —e, em especial, da China— nos resultados do Pisa?

Especialistas ouvidos pelo UOL afirmam que, além de terem priorizado a educação como pauta política, esses países têm investido e planejado, a longo prazo, melhorar a formação docente e valorizar a carreira de professor.

"Não são medidas que, de três anos para cá, deram resultados. Elas vêm acontecendo há aproximadamente uma década ou mais", afirma Gabriel Corrêa, gerente de políticas educacionais do Todos pela Educação.

Como exemplos, ele cita um maior rigor na avaliação de cursos de pedagogia e também na seleção para o ingresso na carreira docente. "Valorizaram a profissão de professor não só salarialmente, mas culturalmente, em prestígio", diz.

Mozart Neves Ramos, diretor de articulação e inovação do Instituto Ayrton Senna, lembra que a China é um país que enfrenta muitas desigualdades, assim como o Brasil.

"Essas quatro províncias, além de Macau e Hong Kong, são na verdade situações fora da curva da média chinesa, porque o país ainda tem desigualdades muito profundas. Mas a China tem melhorado isso em várias províncias", afirma.

Ele destaca que, além de ter adotado um forte comprometimento político com a educação, a China vem investindo também no uso de tecnologias para o ensino.

"A tecnologia é um meio, e não um fim, mas eles têm feito que esse meio chegue até a ponta. Alunos que têm um professor mais preparado para usar essas tecnologias estão aprendendo de forma exponencial", diz.

Segundo ele, os meios tecnológicos possibilitam formas de aprendizagem "mais disruptivas e criativas". "O aluno é mais autônomo, mais protagonista do processo de aprendizagem. Eles estão tendo a coragem para romper com a educação tradicional e trazer a educação do século 21 para a sala de aula", afirma.

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Lista de vencedores da Obmep está disponível no site da competição

Estudantes que participaram da Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas (Obmep) deste ano já podem conferir o resultado. A lista dos vencedores foi divulgada nesta terça-feira (3), no site da competição.

A 15ª edição da Obmep registrou mais de 18 milhões de inscritos, de 54,8 mil escolas, de 99,71% dos municípios brasileiros. O torneio é destinado a estudantes do 6º ano do ensino fundamental a 3ª série do ensino médio.

Foram distribuídas 575 medalhas de ouro, 1.725 medalhas de prata, 5.175 de bronze e 51,9 mil menções honrosas. Todos os alunos medalhistas serão convidados a participar do Programa de Iniciação Científica (PIC Jr.), do Instituto de Matemática Pura Aplicada (Impa), como incentivo e promoção do desenvolvimento acadêmico dos participantes.

Criada em 2005, a Obmep tem o objetivo de estimular o estudo da matemática e identificar jovens talentos na área e contribuir para a melhoria da educação básica. A olimpíada é realizada pelo Impa e pelos ministérios da Educação (MEC) e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações (MCTIC).

AGÊNCIA SENADO - TEMPO REAL

Não houve cortes em bolsas de estudos, afirma presidente da Capes em audiência

Em audiência pública na Comissão de Educação (CE), nesta terça-feira (3), o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, **Anderson Ribeiro Correia**, afirmou que não houve cortes nas bolsas de estudos, apenas realocação para programas melhores.

A audiência pública foi requerida pelo senador Flávio Arns (Rede-PR) para tratar das ações da **Capes** e para saber se o contingenciamento de recursos federais para a educação superior atingiria as bolsas de estudo do órgão. De acordo com Anderson, houve um aumento de recursos da **Capes** também para a educação básica e uma expansão na pós-graduação. Ele explicou que todo o orçamento de 2019 foi executado, o que garante o pagamento de todos os bolsistas até o fim do ano.

O presidente da **Capes** afirmou que a pós-graduação no Brasil praticamente dobrou o número de alunos entre 2008 e 2018. Segundo Anderson, ela cresceu em todas as regiões do país.

— A pós-graduação é uma das poucas metas do Plano Nacional de Educação que está sendo cumprida. A de mestrado já foi cumprida. Então é um orgulho para o país a gente ter cumprido uma meta tão importante. Seria bom se a gente tivesse cumprido todas — afirmou.

O impacto científico das pesquisas brasileiras cresceu 30%, segundo Anderson, desde a década de 1980 até agora. O presidente da **Capes** disse, no entanto, que a velocidade desse crescimento não foi tão boa, porque Portugal, Espanha e China ultrapassaram o Brasil nesse quesito.

— É por isso que a **Capes** é muito exigente nas pesquisas. A gente precisa dar foco nas pesquisas — afirmou.

Os senadores Espiridião Amin (PP-SC), Dário Berger (MDB-SC) e Confúcio Moura (MDB-RO) mostraram preocupação em relação à possível fusão da **Capes** com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Anderson disse que, antes da definição a respeito da fusão dos dois órgãos, é preciso definir o diálogo, os estudos técnicos, o planejamento e um estudo minucioso do governo federal em sintonia com o Congresso Nacional.

— Mais importante é pensar no atendimento à sociedade, na prestação do serviço adequado, na manutenção de projetos, na experiência internacional, no diálogo com a comunidade acadêmica, com os servidores dos órgãos, com o Ministério da Economia, com a Casa Civil, no planejamento de curto, médio e longo prazos e em decisões tomadas sem precipitação. Se tudo isso for feito, eu tenho certeza de que o país será melhor atendido seja qual for a decisão tomada — afirmou.

O senador Flávio Arns considerou a audiência pública esclarecedora e disse que é essencial a formação dos profissionais do ensino superior e a relação deste com a educação básica.

— Eu diria que é essencial a formação dos profissionais do ensino superior, como aprendizagem mesmo, mestrado e doutorado e, a partir daí, voltada para a pesquisa e a inter-relação com a educação básica, como foi colocado — afirmou.

Orçamento

De acordo com o presidente da **Capes**, o órgão teve um aumento de orçamento do ano passado para este de 11%. Em 2019, o orçamento da **Capes** foi de R\$ 4,179 bilhões. As despesas com bolsas de formação de professores da educação básica cresceram em 45,5% de 2018 a 2019.

Anderson comentou os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), em que o Brasil mostrou estagnação nas notas de leitura e queda em matemática e ciências.

— A **Capes** atua não apenas na educação superior, mas na educação básica. Hoje está sendo entregue o resultado do Pisa, e a gente vê a necessidade que o Brasil tem para fazer avanços nessa área. O Brasil precisa dar um salto. E a **Capes** é um dos elementos para que o país dar esse salto — afirmou.

Ações para 2020

Entre as ações previstas para 2020 está o incentivo a melhores avaliados no Enem para que ingressem nos cursos de Pedagogia e Licenciatura. Serão 5 mil bolsas para beneficiar estudantes que optem por esses cursos.

Está previsto ainda o desenvolvimento de professores da educação básica no exterior. Serão 650 professores atingidos com formação nos Estados Unidos, Canadá, Irlanda e Portugal. A **Capes** também ofertará 4 mil vagas para a especialização de professores que dão aulas de ciências no sistema público de ensino.

Acordos e convênios de cooperação educacional, científica e tecnológica com outros países também estão nos planos da **Capes** para o próximo ano. Cerca de 4 mil bolsistas devem ser beneficiados.

Agência Senado (Reprodução autorizada mediante citação da Agência Senado)

topo 

CORREIO 24 HORAS - TEMPO REAL

Candidatos do Prêmio Capes Talento Universitário podem consultar o local de prova

Graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada
Estudantes inscritos no Prêmio **Capes** Talento Universitário já podem checar os locais de provas onde irão realizar o exame. Para isso, o candidato deve acessar o site da premiação, que é organizada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC). O exame será realizado em 60 cidades de todas as regiões do Brasil.

No dia 8 de dezembro, os candidatos enfrentarão uma prova com 80 questões de múltipla escolha e mil graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.

O objetivo do Prêmio **Capes** Talento Universitário é valorizar o trabalho dos universitários e as pesquisas da **Capes**, para a formulação de políticas públicas para a educação superior. O resultado será divulgado em fevereiro de 2020.

Requisitos para participar do Prêmio **Capex**

Para participar do Prêmio **Capex** Talento Universitário é preciso ter feito o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2017 ou 2018, e ter ingressado, neste ano, em instituições públicas, privadas ou militares.

topo ↕

DESTAK - TEMPO REAL

Candidatos do Prêmio Capex Talento Universitário podem consultar o local de prova

Graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada
Estudantes inscritos no Prêmio **Capex** Talento Universitário já podem checar os locais de provas onde irão realizar o exame. Para isso, o candidato deve acessar o site da premiação, que é organizada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capex)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC). O exame será realizado em 60 cidades de todas as regiões do Brasil.

No dia 8 de dezembro, os candidatos enfrentarão uma prova com 80 questões de múltipla escolha e mil graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.

O objetivo do Prêmio **Capex** Talento Universitário é valorizar o trabalho dos universitários e as pesquisas da **Capex**, para a formulação de políticas públicas para a educação superior. O resultado será divulgado em fevereiro de 2020.

Requisitos para participar do Prêmio **Capex**

Para participar do Prêmio **Capex** Talento Universitário é preciso ter feito o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2017 ou 2018, e ter ingressado, neste ano, em instituições públicas, privadas ou militares.

topo ↕

DIÁRIO DO NORDESTE - CE - ÚLTIMA HORA

Candidatos do Prêmio Capex Talento Universitário podem consultar o local de prova

Graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.
Estudantes inscritos no Prêmio **Capex** Talento Universitário já podem checar os locais de provas onde irão realizar o exame. Para isso, o candidato deve acessar o site da premiação, que é organizada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capex)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC). O exame será realizado em 60 cidades de todas as regiões do Brasil.

No dia 8 de dezembro, os candidatos enfrentarão uma prova com 80 questões de múltipla escolha e mil graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.

O objetivo do Prêmio **Capex** Talento Universitário é valorizar o trabalho dos universitários e as pesquisas da **Capex**, para a formulação de políticas públicas para a educação superior. O resultado será divulgado em fevereiro de 2020.

Requisitos para participar do Prêmio **Capex**

Para participar do Prêmio **Capex** Talento Universitário é preciso ter feito o Exame

Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2017 ou 2018, e ter ingressado, neste ano, em instituições públicas, privadas ou militares.

topo ↕

G1 - TEMPO REAL

Capacitação para professores de matemática é realizada em Caruaru
Curso é gratuito e nesta edição são oferecidas 70 vagas.

Segue aberto até o dia 14 de janeiro o período de inscrição no Programa de Aperfeiçoamento para Professores de Matemática do Ensino Médio (PAPMEM). As aulas acontecem de 27 a 31 de janeiro, no IFPE Caruaru, no Agreste de Pernambuco, das 9h às 17h, totalizando 40 horas de atividades. O curso é gratuito e nesta edição são oferecidas 70 vagas. As inscrições são feitas via formulário eletrônico.

A escolha dos participantes será de acordo com os seguintes critérios, na ordem de prioridades: professor com formação em matemática e que trabalha em escola pública; professor com formação em matemática e que trabalha em escola privada; estudante de licenciatura ou bacharelado em matemática; professor com formação em áreas afins (química e física, por exemplo).

A turma será composta pelos 70 primeiros inscritos, respeitando as prioridades acima. O resultado preliminar será divulgado no dia 16 de janeiro e o final no dia 20 do mesmo mês.

A iniciativa é do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), com apoio da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**.

topo ↕

MIDIAMAX - TEMPO REAL

Locais de prova do Prêmio Capes Talento Universitário estão disponíveis para consulta

Exame será realizado em 60 cidades brasileiras, no dia 8 de dezembro

Os estudantes inscritos no Prêmio **Capes** Talento Universitário já podem conferir onde irão fazer a prova. Para isso, basta acessar o site da premiação, que é organizada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

O exame será realizado em 60 cidades de todas as regiões do Brasil, no dia 8 de dezembro. A prova terá 80 questões de múltipla escolha e mil graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.

O objetivo do Prêmio **Capes** Talento Universitário é valorizar o trabalho dos universitários e as pesquisas da **Capes**, para a formulação de políticas públicas para a educação superior. O resultado será divulgado em fevereiro de 2020.

Para participar do Prêmio **Capes** Talento Universitário é preciso ter feito o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2017 ou 2018, e ter ingressado, neste ano, em instituições públicas, privadas ou militares.

* Com informações do Ministério da Educação

Fonte: Agência Educa Mais Brasil

topo ↕

O DOCUMENTO - MT - TEMPO REAL

Não houve cortes em bolsas de estudos, afirma presidente da Capes em audiência
Em audiência pública na Comissão de Educação (CE), nesta terça-feira (3), o presidente da **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível**

Superior (Capes), Anderson Ribeiro Correia, afirmou que não houve cortes nas bolsas de estudos, apenas realocação para programas melhores.

A audiência pública foi requerida pelo senador Flávio Arns (Rede-PR) para tratar das ações da **Capes** e para saber se o contingenciamento de recursos federais para a educação superior atingiria as bolsas de estudo do órgão. De acordo com Anderson, houve um aumento de recursos da **Capes** também para a educação básica e uma expansão na pós-graduação. Ele explicou que todo o orçamento de 2019 foi executado, o que garante o pagamento de todos os bolsistas até o fim do ano.

O presidente da **Capes** afirmou que a pós-graduação no Brasil praticamente dobrou o número de alunos entre 2008 e 2018. Segundo Anderson, ela cresceu em todas as regiões do país.

— A pós-graduação é uma das poucas metas do Plano Nacional de Educação que está sendo cumprida. A de mestrado já foi cumprida. Então é um orgulho para o país a gente ter cumprido uma meta tão importante. Seria bom se a gente tivesse cumprido todas — afirmou.

O impacto científico das pesquisas brasileiras cresceu 30%, segundo Anderson, desde a década de 1980 até agora. O presidente da **Capes** disse, no entanto, que a velocidade desse crescimento não foi tão boa, porque Portugal, Espanha e China ultrapassaram o Brasil nesse quesito.

— É por isso que a **Capes** é muito exigente nas pesquisas. A gente precisa dar foco nas pesquisas — afirmou.

Os senadores Espiridião Amin (PP-SC), Dário Berger (MDB-SC) e Confúcio Moura (MDB-RO) mostraram preocupação em relação à possível fusão da **Capes** com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Anderson disse que, antes da definição a respeito da fusão dos dois órgãos, é preciso definir o diálogo, os estudos técnicos, o planejamento e um estudo minucioso do governo federal em sintonia com o Congresso Nacional.

— Mais importante é pensar no atendimento à sociedade, na prestação do serviço adequado, na manutenção de projetos, na experiência internacional, no diálogo com a comunidade acadêmica, com os servidores dos órgãos, com o Ministério da Economia, com a Casa Civil, no planejamento de curto, médio e longo prazos e em decisões tomadas sem precipitação. Se tudo isso for feito, eu tenho certeza de que o país será melhor atendido seja qual for a decisão tomada — afirmou.

O senador Flávio Arns considerou a audiência pública esclarecedora e disse que é essencial a formação dos profissionais do ensino superior e a relação deste com a educação básica.

— Eu diria que é essencial a formação dos profissionais do ensino superior, como

aprendizagem mesmo, mestrado e doutorado e, a partir daí, voltada para a pesquisa e a inter-relação com a educação básica, como foi colocado — afirmou.

Orçamento

De acordo com o presidente da **Capes**, o órgão teve um aumento de orçamento do ano passado para este de 11%. Em 2019, o orçamento da **Capes** foi de R\$ 4,179 bilhões. As despesas com bolsas de formação de professores da educação básica cresceram em 45,5% de 2018 a 2019.

Anderson comentou os resultados do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), em que o Brasil mostrou estagnação nas notas de leitura e queda em matemática e ciências.

— A **Capes** atua não apenas na educação superior, mas na educação básica. Hoje está sendo entregue o resultado do Pisa, e a gente vê a necessidade que o Brasil tem para fazer avanços nessa área. O Brasil precisa dar um salto. E a **Capes** é um dos elementos para que o país dar esse salto — afirmou.

Ações para 2020

Entre as ações previstas para 2020 está o incentivo a melhores avaliados no Enem para que ingressem nos cursos de Pedagogia e Licenciatura. Serão 5 mil bolsas para beneficiar estudantes que optem por esses cursos.

Está previsto ainda o desenvolvimento de professores da educação básica no exterior. Serão 650 professores atingidos com formação nos Estados Unidos, Canadá, Irlanda e Portugal. A **Capes** também ofertará 4 mil vagas para a especialização de professores que dão aulas de ciências no sistema público de ensino.

Acordos e convênios de cooperação educacional, científica e tecnológica com outros países também estão nos planos da **Capes** para o próximo ano. Cerca de 4 mil bolsistas devem ser beneficiados.

Agência Senado (Reprodução autorizada mediante citação da Agência Senado)

topo ↕

PRIMEIRA HORA - TEMPO REAL

Locais de prova do Prêmio Capes Talento Universitário estão disponíveis para consulta

Exame será realizado em 60 cidades brasileiras, no dia 8 de dezembro

Os estudantes inscritos no Prêmio **Capes** Talento Universitário já podem conferir onde irão fazer a prova. Para isso, basta acessar o site da premiação, que é organizada pela **Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes)**, vinculada ao Ministério da Educação (MEC).

O exame será realizado em 60 cidades de todas as regiões do Brasil, no dia 8 de dezembro. A prova terá 80 questões de múltipla escolha e mil graduandos serão selecionados para receber uma premiação de R\$ 5 mil cada.

O objetivo do Prêmio **Capes** Talento Universitário é valorizar o trabalho dos universitários e as pesquisas da **Capes**, para a formulação de políticas públicas para a educação superior. O resultado será divulgado em fevereiro de 2020.

Para participar do Prêmio **Capes** Talento Universitário é preciso ter feito o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), no ano de 2017 ou 2018, e ter ingressado, neste ano, em instituições públicas, privadas ou militares.

* Com informações do Ministério da Educação

topo ↕

AGÊNCIA GLOBO - TEMPO REAL

CGU aponta irregularidades em licitação de R\$ 3 bilhões do Ministério da Educação

Pregão eletrônico do FNDE era para comprar computadores para escolas de todo país; edital está sendo refeito

BRASÍLIA - A Controladoria-Geral da União (CGU) detectou irregularidades em uma licitação de R\$ 3 bilhões do Ministério da Educação (MEC), que poderiam gerar prejuízos milionários aos cofres públicos, e recomendou a suspensão do pregão eletrônico. Os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), responsável pelo processo de contratação, seriam destinados a comprar equipamentos de informática para abastecer escolas de todo o país.

Após o relatório de auditoria da CGU, finalizado no último mês de outubro, o FNDE suspendeu a licitação e está refazendo o edital para corrigir os desvios. Em nota, a assessoria do órgão informou que a atual gestão da autarquia, atualmente presidida por Rodrigo Dias, determinou a suspensão assim que assumiu, no último mês de setembro (leia nota abaixo).

A contratação faz parte do Programa Educação Conectada, que vai adquirir computadores, notebooks, projetores e lousas digitais para alunos das redes públicas de ensino estaduais e municipais. Pelo valor e pela natureza da contratação, de R\$ 3 bilhões, a CGU aponta que deveria ter sido solicitada autorização do Ministério da Economia, o que não ocorreu no caso.

Segundo o relatório de auditoria, obtido pelo GLOBO, a licitação estimou um número maior do que o necessário de computadores a serem adquiridos, usando critérios falhos e sem base técnica. Por isso, havia risco de aquisição de mais computadores do que a real necessidade das escolas, resultando no desperdício de dinheiro público. A investigação constatou que 355 escolas demandaram mais laptops do que seu número real de alunos.

"O caso que mais chamou a atenção diz respeito à Escola Municipal Laura Queiroz, do município de Itabirito/MG, que registrou a demanda de 30.030 laptops educacionais, embora a escola só tenha registrada na planilha o número de 255 alunos (117,76 laptops por aluno)", registrou a CGU em seu relatório.

Outra falha apontada é um risco de direcionamento da licitação, com redução da competitividade. Isso porque o objeto da contratação é um produto chamado de "computador interativo", kit composto de notebook, projetor e lousa digital. Para a CGU, não está comprovado que adquirir esse kit seria mais barato do que comprar cada um desses itens separadamente. Além disso, comprar especificamente esse kit reduz a competitividade da licitação, porque há poucas empresas no mercado que disponibilizam o produto.

A CGU aponta ainda que não houve uma "ampla pesquisa de mercado" sobre os preços dos equipamentos, provocando "risco de sobrepreço dos itens a serem contratados, com possibilidade de grandes prejuízos aos cofres públicos".

"Conforme determina o art. 15 da Lei nº 8.666/93, em seu § 1º, o registro de preços deve ser precedido de ampla pesquisa de mercado, o que não ocorreu neste caso. Para os notebooks e laptops, itens comuns de mercado e com número considerável de fornecedores, foram obtidos somente 5 cotações. Para os computadores interativos foram obtidas somente 2 cotações e para as estações de recarga somente 3 cotações", diz o relatório.

Outro lado

Em nota, a assessoria de comunicação do FNDE afirmou que a licitação foi suspensa pela nova gestão do órgão, do advogado Rodrigo Dias, que assumiu a autarquia em 2 de setembro, e que o edital está sendo refeito.

"Esclarecemos que o processo de licitação, iniciado há duas gestões, foi suspenso preventivamente no dia 4 de setembro de 2019 pela nova gestão do FNDE, que assumiu a autarquia no dia 2 de setembro. A medida foi tomada para que fosse feita análise dos questionamentos ao edital, e no dia 9 de outubro o pregão eletrônico nº 13/2019 foi revogado", diz a nota.

Prossegue o órgão: "Destaca-se que a etapa de oferta de lances e de seleção de empresa sequer chegou a ocorrer, uma vez que a licitação foi revogada ainda durante a fase de esclarecimentos e impugnações ao edital do pregão eletrônico. Esclarecemos, ainda, que o Relatório Preliminar da CGU apontou algumas inconsistências no levantamento dos quantitativos, que foram corroboradas pela própria equipe técnica do FNDE".

O FNDE afirmou ainda: "Enquanto instrumento de fomento ao uso de tecnologia digital na Educação Básica, o Programa Educação Conectada, do Ministério da Educação, é essencial para apoiar a universalização do acesso à internet e, portanto, a disponibilização de atas para aquisição dos equipamentos educacionais digitais apresenta-se como fundamental para o desenvolvimento da educação. Todavia, informamos que o novo edital será construído pelo FNDE, em conjunto com a Secretaria de Educação Básica do Ministério da Educação. É importante destacar que o FNDE, órgão executor das políticas públicas do MEC, assim como qualquer outra entidade da Administração Pública, sempre se pauta pelos princípios da legalidade, impessoalidade, moralidade, publicidade e eficiência".

topo ↕

UOL - ÚLTIMAS NOTÍCIAS - TEMPO REAL

Weintraub diz que resultado ruim do Brasil no Pisa é "culpa do PT"

O ministro da Educação, Abraham Weintraub, afirmou hoje que o resultado ruim do Brasil na prova do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Estudantes) é "integralmente culpa do PT".

Divulgados hoje, os dados são da edição 2018 do exame e, portanto, não dizem respeito à gestão de Jair Bolsonaro (sem partido), que assumiu a Presidência em 2019.

Os resultados mostram que o desempenho dos estudantes brasileiros está estagnado

desde 2009. O Brasil aparece entre as 20 piores colocações no ranking internacional. Ao todo, foram analisados 79 países e territórios.

"[É] integralmente culpa do PT, integralmente culpa dessa doutrinação esquerdófila e sem ensino", disse o ministro em entrevista a jornalistas.

Questionado se responsabilizava o governo de Michel Temer (MDB), que assumiu a Presidência entre 2016 e 2018, Weintraub respondeu que ele "ficou pouco tempo" e que, por isso, "não dá para culpar o cara". "Ele é culpado de ser vice da Dilma [Rousseff]", disse.

Para o ministro, "o símbolo máximo do fracasso do PT começou quando foi construída a lapide da educação, lá na frente do MEC, que é um mural do Paulo Freire. Representa esse fracasso total e absoluto".

O Pisa começou a ser aplicado em 2000, quando o presidente ainda era Fernando Henrique Cardoso (PSDB). De fato, entre 2003 e 2016, a prova monitorou os governos do PT, durante os mandatos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff. Entre 2016 e 2018, monitorou o governo Temer.

Os dados divulgados pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) mostram que, no início dos governos petistas, antes de 2009, houve uma tendência de alta no desempenho do Brasil. Depois disso, tem início uma estagnação — destacada pela própria OCDE em relatório.

"Depois de 2009, em matemática, como em leitura e ciências, o desempenho médio não mudou significativamente", diz a organização.

Bastante irritado, Weintraub acusou a imprensa de "dar a entender" que os resultados do Pisa teriam ligação com o governo Bolsonaro e pediu para que os jornalistas "parassem de mentir". Ele chegou a dizer que hoje não estava de bom humor.

O ministro também negou que tenha errado a previsão de que o Brasil ficaria em último lugar da América Latina na prova do Pisa, como declarou há cerca de duas semanas. Apesar de estar entre os piores colocados, no entanto, o Brasil ainda fica à frente da Argentina, da Colômbia e do Panamá em uma ou mais disciplinas avaliadas.

"Em leitura não ficou em último, ficou à frente de Argentina e Peru. Mas, de três [áreas], em duas ficou em último", declarou o ministro.